

MARIAS

JANAÍNA AZEVEDO

MARIAS

Editora Universitária
João Pessoa – PB
1999

PRÊMIO NOVOS AUTORES PARAIBANOS

4ª Versão – 1998/1999

COMISSÃO EXECUTIVA

Fernando Abath Cananéa
Elidete Alencar de Sousa
José David Campos Fernandes
José Luiz da Silva

COMISSÕES JULGADORAS

Conto

Maria do Socorro Rosas
Ronaldo Monte
Hildeberto Barbosa Filho

Teatro

Carmélio Reynaldo
Roberto Cartaxo
Fred Pimentel

Romance

Marinalva da Silva Freire
Joacil de Brito Pereira
Flávio Sátiro Fernandes

Livro Infantil

Valeska Picado
Nilsamira da Silva Oliveira
Silvano Alves Bezerra da Silva

Cordel

José Augusto de Moraes
Ivaldo de Medeiros Nóbrega
Magna Celi M. de Sousa

Poesia

Águia Mendes
Alice de Toledo
Maria Abigail Pereira

Para as marias de mim:

Ivonete Azevedo (minha mãe), Dona Dulcineia (meu pseudônimo) e Dona Manuela (amadas avós), minhas tias (quase todas Marias), Lola (tia e mais), D. Zefinha (eterna professora), Adélia Prado, Olga, Nery, Silvaneide (mui amigas, Clarice Lispector, Albânia (como eu gosto de você), Rachel Beltrão, Hozanete, Ana Cecília (grandes mulheres), D. Lourdinha (mestra), Lygia Fagundes Telles, minhas alunas e ex-alunas, Adriana Calcanhoto, Helena Parente Cunha, Maura Lopes Cançado, minhas primas (notadamente Juliana e Fiama), Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Capota (a louca da minha infância), Francisca, Vitória Vick, Alda (mais amigas), Safo, Santa Tereza D'Ávila, Heloísa, de Abelardo, Diadorim, Capitu, Leninha (que me enfeita as unhas), as mulheres da família Cândido, de Areia, Ivone

e filhas (minhas vizinhas), Maria Matamoros e Hilda Hilst, Josilene Castro, D. Toinha, Lúcia Meira, Gorete Lucila (na eterna luta com o verbo), as professoras da minha cidade, Silvia Perazzo, Alfonsina, da Argentina, Anne Parker, Simone de Beauvoir, Ana Karenina, Lucrecia Neves, Lóri Lambi, Chiquinha Gonzaga, Nina, Ana Menezes e Madalena (personagens de Lúcio Cardoso), Melinha Marchiotti, Rachel de Queiroz, Marie Curie, Camille Claudell (amante de Rodin, que enlouqueceu de amor), Maria “de raqué”, Dona Rita “Pesquêro”, Severina “Quebra-gái”, Tia Adélia (personagens da minha infância), Margarida La Roque, Dinah Silveira de Queiroz, Cecília Meireles, Florbela Espanca, Cátia de França, Safo, Minhas companheiras de Primeira Comunhão, Anayde Beiriz, Minhas afilhadas: Fernanda e Edileuza, Vesti (mulher anti-bíblica que se negou ao rei), D. Nereide (professora primária), a esposa de Lot que olhou para trás, Da Guia (de Pombal), Maklene, companheira de apto., minha irmã e sobrinha: Jacinete e Vitória, sobrinhas e irmãs de Beto (destacadamente Ridete, da Legião de Maria), as mulheres doentes, mais vaidosas, Otília das Neves e Maria (mãe de Jesus).

Para os meus Josés:

Valberto Cardoso (Beto), Alcides, Alcione, Carlinhos,
Gilberto, Klebysson, Adriano de León, Ney, Aderaldo,
Pádua, Carlos, filho do poeta Oscar Targino, meu pai-
avô Severino Azevedo, meu pai e irmãos: Jacinto, Júlio
César, Juliano e Filipe.

Parecerá blasfemo. Mas não chamam sagrado
o livro em que Jó fez imprimir suas dores,
amaldiçoando o dia do seu nascimento?
Por que não o meu, que o abençoo
e acho o degredo bom,
os penedos belos
as poucas flores, dádivas?

(Adélia Prado, *À soleira*)

APRESENTAÇÃO

Idealizado e estruturado há 5 anos atrás, o Prêmio Novos Autores Paraibanos tem se constituído um compromisso desta Universidade Pública com os novos autores da literatura paraibana. Portanto, consolida-se cada vez mais o incentivo à produção literária em Romance, Teatro, Livro Infantil, Poesia, Conto e o único categoria Cordel.

Ao apresentarmos esta 4^a edição do prêmio, num momento em que as dificuldades financeiras das universidades se agravam, reafirmamos o compromisso político da UFPB com a cultura e as artes, considerando-as instrumentos de resgate e preservação da identidade no nosso povo.

Não é fácil publicar em época de crise; o sucesso deste prêmio está na parceria PRAC/Editora Universitária, mais especificamente, no envolvimento e compromisso da equipe técnica responsável pelo mesmo e na qualidade dos trabalhos concorrentes – foram 187 autores participantes.

Como diz o filósofo “Os livros não mudam o mundo. Os homens mudam o mundo, os livros mudam apenas os homens”.

Parabéns aos jovens autores, participantes. Parabéns a Fernando José da Silva Monteiro, Marcos Tadeu Lacerda, Janaína de Castro Azevedo e Silva, Edmundo de Oliveira Gaudêncio e Alfredo Feliciano de Araújo Júnior.

Rossana Maria Souto Maior Serrano
Pró-Reitora para Assuntos Comunitários da UFPB

PREFÁCIO

ASMÁTICA ESCRITURA

Hildeberto Barbosa Filho

Com **Marias**, Janaína Azevedo não somente se sagra vencedora, na categoria *Contos*, do concurso *Novos Autores Paraibanos*, versão 1999, mas, antes de qualquer imposição de ordem extraliterária, parece desnudar um pacto estético e existencial com a carne da palavra. Pacto que parece sinalizar para algo de urgente e de definitivo.

Jovem, areense, estreante, Janaína como que convoca os mais vândalos vocábulos, em sua vã profanação, para exumar-lhes do corpo a seiva do sagrado, numa escrita em que erotismo e liturgia se consagram numa esplêndida e surpreendente unidade estésica. Unidade que a revela, já, Senhora dos seus domínios, tanto no que há de característico de sua retórica particular, quanto no que podem alcançar os imponderáveis elementos de que se tece o seu universo ficcional, com sua sensual e pulsante atmosfera, habitada por seres estranhos e desolados.

Não só com palavras se faz literatura, penso e penso diferentemente de Mallarmé. Não obstante, na construção do texto literário, a palavra seja fundamental. Toda e qualquer palavra.

Se na poesia, por exemplo, a palavra deve ser elaborada com o máximo de intensidade inventiva, na prosa de ficção também não se deve fazer por menos, sobretudo se se considerar o lampejo de poeticidade que vem assumindo a prosa contemporânea nas vozes de certos ficcionistas/poetas. Por isto mesmo, tendo a acreditar que certa prosa é poesia. Lúcio Cardoso, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Adélia Prado e Hilda Hilst estão aí e não me deixam mentir.

É esta a família a que pertence Janaína Azevedo. Com a ambiguidade das semelhanças e das diferenças. Com todos os riscos a que nos acena o especular gesto dialógico e intertextual. Com toda a angústia, mas também com todo o enlevo, da influência. Afinal, quem dela poderia mentir.

É esta a família a que pertence Janaína Azevedo. Com a ambiguidade das semelhanças e das diferenças. Com todos os riscos a que nos acena o especular gesto

dialógico e intertextual. Com toda a angústia, mas também com todo o enlevo, da influência. Afinal, quem dela poderia escapar.

A bem da verdade, conforme postula T. S. Eliot, o melhor e o mais individual de um poeta ou de um autor talvez sejam exatamente aquelas passagens em que os escritores-modelo, os paradigmas do passado, mais rigorosamente revelam suas qualidades. Em outros termos: o que importa não é tanto a diferença, mas principalmente a semelhança.

Em Janaína Azevedo, a par da atmosfera psicológica e existencial em que mergulham os seus personagens, sempre vivendo situações limites, conflitos emocionais, perdas irreparáveis, revisão de valores humanos, perplexidades e espantos, releva-se, e releva-se, em realce, a fluidez da prosa característica de uma escrita, que classificaria, ao mesmo tempo, de orgástica e celebratória, dionisíaca e epifânica, sagrada e profana, divina e diabólica, enfim, feminil e poética.

Em **Marias**, sobretudo num conto, como *Tia Dona*, e num miniconto, como *Comungado banquete*, a frase brilha... Brilha poeticamente, lavada pela água das metáforas, dos oxímoros, das sinestesias, a compor um translúcido lago imagético, aonde nadam as mais abissais inquietações humanas. Leiam-se, entre outros, os contos *Dá-me tua mão*, *Ó virgem*, *Cárie na flor*, *O vinho tinto da memória*, e os minicontos *Tão-somente essa cruz*, *Rituais e Rainha na cozinha*.

De outra parte, e talvez onde resida, de modo mais seminal, a pedra de toque do texto de Janaína seja precisamente na inconfundível convergência do sagrado e do profano. Aqui, à semelhança emblemática de **Os cantares de Salomão**, o ato cerimonial de adorar se converte em acesa chama erótica, ao mesmo tempo em que o *eros* que rege o corpo também contempla a alma, e se espiritualiza, e se sacraliza...

Perpassa, assim, as curvas da textualidade, naquilo que ela possui de artístico e expressional, uma intensa e escarlate sensação de gozo, mesclada ao aroma virgem dos incensos e aos odores secretos advindos dos silêncios e dos mistérios que habitam os sacrários, os oratórios e a placidez eucarística das imagens santas.

O amor, a solidão, a morte, a mulher, principalmente a mulher metaforizada na sagrada figura de *Maria*, aparecem sempre como sacras entidades, porém, enfática e poeticamente, como instâncias concretas e cotidianas de manifestações de eroticidade. Seja aí, talvez, onde Adélia Prado e Hilda Hilst se perfigurem como ecos textuais mais explícitos.

Janaína, no entanto, é Janaína, pois à escrita orgástica que preside à dicção das maternas escritoras (quem sabe não seja Clarice a mãe mais duradoura e mais amada...), soma-se algo extremamente pessoal que não diviso em nenhuma delas.

Diria que, na temperatura emocional da escrita de Janaína, ao poético se funde algo que uma sensação de asfixia, algo como que se o ar faltasse; algumas quebras, algumas paradas, espasmos, estertores, soluços, algo assim como se a ansiedade da asma invadissem o reino das palavras para trazer à tona o interdito, o inominável, o impronunciável, o esquecido, a vidência mais secreta da beleza e do milagre.

A toda esta epifania, eu nomeio de asmática escritura.

Ponta do Cabo Branco, inverno de 1999

Primeira Hora

Oração Preparatória

*Nunca foi às Santas Marias?
Pois olhe, ali é que se canta!
Ali chegam, de toda parte, os aleijados!
Passei por lá dia de festa...
De certo a igreja é pequenina,
Mas quantos gritos e promessas!
Ó Grandes Santas, tende dó de todos nós!*

(Frédéric Mistral, Mireia)

Dá-me tua mão, ó Virgem

“Por que te ergues tão de súbito à minha frente,
ó bela imagem empalidecida?
Queres com um aceno trazer-me o consolo
na profundidade do outono
em que me enterrei e me perdi?”

(Erik Axel Karlfeldt)

Escuto a porta bater e sinto: a mão abre a porta e se aproxima de mim, novamente. Os passos são sempre tão leves. Finjo dormir.

A mão macia alisa meu cabelo, minha pele e eu me mexo. A mão tem medo e foge. A porta volta a bater teimosa, e ainda ouço os passos leves no corredor, depois voam. Quase lhe peço para voltar: eu não queria assustá-la, murmuro baixinho. Sinto minha boca e meu coração vermelhos. De quem era aquela mão que o escuro escondia a face? Qual seria o sexo dessa mão? A mão como louca a procurar em mim, o quê?

Devagarinho amanhece, e o cheiro dos pãezinhos assando já domina a manhã. Atravesso o corredor e abraço minha mãe por trás:

– Bom dia! pego um pãozinho e corro para o jardim. Não quero que ela me veja assim pensando na mão. Rosas, margaridas, sempre-vivas, as flores que todas as semanas eram cuidadosamente colhidas e levadas ao cemitério. Papai. Era bebê quando ele morreu assassinado. Pela mão, será a mesma?

A mão, sem rosto, sem corpo, a mão. A primeira vez veio nervosa, e pensei que fosse minha mãe. Há quanto tempo isso? Desde o quadro? O espinho da rosa espetou-me eu suguei meu mesmo sangue. Minha mãe, então, aparece na porta e me chama:

– Estou atrasada para a missa das nove. Falou prendendo o cabelo. Já eram nove horas?

– Por que a senhora não solta o cabelo? Tão bonito.

– Você sabe muito bem que eu nunca solto meu cabelo, ora!

Ainda voltou:

– Você não quer mesmo, ir?

Disse-lhe que não, ela suspirou e saiu. Fazia mesmo um bom tempo que não ia à igreja, saíra do coral, da equipe de liturgia, de tudo. Deus não lhe excitava mais, nem os milhões de anjinhos nus, todos nus. E a Virgem Maria toda coberta pelo seu manto azul com seu sexo puro? Não, não podia enquanto houvesse a mão. A mão era meu pecado capital.

Minha mãe não sabia da mão, era meu vertiginoso segredo. Fui envolvida por uma quietude sufocante. Tive vontade de ouvir música, mas quase todos os nossos discos eram religiosos: Pe. Zezinho, discos natalinos, mil e uma campanhas da fraternidade.

– Deus, estaria eu clamando pelo pecado?

Pensei alto, eu que nem sabia mais o que era pecado? Peguei a Bíblia, li Romanos 8: “Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser”. A mão não é carne? “A inclinação da carne é morte”. Continua Romanos. Minha mãe é que estava em vida abundante. Vida em abundância. Cheguei ao estágio de preferir a pouca morte. Mas não é de mim que eu sinto pena, é da minha mãe, que se põe a rezar por mim, pela minha antiga devoção, achando que é rito/crise da adolescência, meu estado atual. Daqui a pouco ela passa e que desculpa terei? sou hipócrita o bastante e não tenho coragem de revelar à minha mãe a verdade. Fora na igreja que aprendera a ter medo? Olho para o retrato na parede, mamãe e papai, ainda pecadores, ainda felizes. Depois miro o quadro ao lado: é fascinante.

Adormeci, estava tão preguiçosa. Mamãe já preparava o almoço. Chego na cozinha e sento.

– Como foi a missa?

Sinto-a empolgar-se.

– Ah, Fátima, foi linda. Tudo voltado para o jovem.

Lapidação, pensei.

– Mamãe, você sabe que eu nunca a magoaria, não?

Ela se voltou, e me olhou e continuou a cortar cebolas. Já a magoara.

Descasquei uma banana:

– “Quem não tem pecado pode atirar a primeira pedra”.

– ...

– A senhora pode atirar quantas pedras quiser, mamãe.

Ela ralhou qualquer coisa mas eu já estava no telefone.

– Pois é. – eu repetia enquanto tirava o esmalte vermelho das unhas.

– Quantos anos ela tem?

– Dezessete a mais que eu: trinta e sete, trinta e oito.

– Deus do céu! É muito jovem.

– Ela está murchando: ainda ama o marido morto há dezoito anos atrás depois de Deus é claro.

– E seu irmão?

– Passa aí o alicate. Não fica melhor dessa outra cor? Coloquei as duas mãos no rosto e fiz um gesto imitando uma tigresa.

– Seu irmão está no seminário, não?

– Há cinco anos: é o que põe a minha mãe viva. Ela esperava que eu fosse freira, mas eu descobri o pecado antes de tudo. Já lhe falei da mão? – Disse mas me arrependi. A mão era coisa minha. Rodopiei no meio da sala.

– Marcos perguntou por você. Você precisa sair, não? Faltou muitas provas já.

– Eu estava dando um tempo, Irene, pra ver se as rezas de mamãe surtiam efeito e eu retornaria ao paraíso como se nada tivesse acontecido.

– A regeneração. Não se preocupe, Paulo também virou as costas ao filho dele. Foi Paulo mesmo, sei lá?

– Coloca um disco Irene. Foi Paulo mesmo que o negou duas vezes? Nem lembro mais. Mas depois, voltou humilhado e se humilhando, como Ele gosta.

– Ganhei esse disco do Cacá.

– Coloca Tatuagem. Espiciei-me lânguida no sofá. “Quero ficar no teu corpo feito tatuagem/que é pra te dar coragem pra seguir viagem/quando a noite vem”. A música da mão.

– Por que não anoitece?

– Pra quê? Por que você não arranja um namorado? No fundo você é uma pudica. Igualzinha à sua mãe.

– Eu tenho medo e sou estranha.

– Acho que você é forte convidada a ter outro filho dele. O segundo primogênito? Riu.

– E subiu ao céu. Virgem e Imaculada. Lá em casa há um quadro da Virgem, fascinante.

Levanto-me, pego a bolsa, solto um beijinho pra Irene:

– Tchauzinho.

Só na rua me lembro das apostilas que fora buscar. Pego o ônibus.

Devagarinho também vai anoitecendo. E já estou eu a pensar que a mão virá. E se ela não? Abro a porta silenciosa, mas minha mãe ouve e me mostra um envelope branco em cima do centro. Já sei.

– Que bom, mamãe, que bom! Como é que ele está? Pergunto indiferente, fingindo líquido/demasiado interesse.

– Muito bem, graças a Deus e com Sua ajuda. Por que não lê a carta?

– Depois, mãe, depois.

Ligo a televisão. Como estará ele? Um mamãe masculino.

– Sabe, Fátima, eu não entendo como é que você...

– Preciso de um banho. Você gostaria que eu tivesse seguido a mesma carreira, não? Beijei-lhe e saí da sala.

No primeiro dia que pensei sério no assunto, ser freira, tínhamos vindo da igreja, no meio da noite, veio-me a mão, como um diabo, cheio de vida e prazer: macia, quente, ousada. Ocorreram então pequenas mudanças: comecei imediatamente a não ir mais à igreja, e, quando ia, para não preocupar minha mãe, não ouvia sequer uma palavra do que o padre dizia: só via diante de mim a mão. Os anjinhos nus e suas mãos. O santíssimo sagrado e sua mão, a Virgem Maria e sua mão quente e macia. Há quanto tempo isso? Desde o quadro? Devia fazer algum tempo, pois mamãe já estava desesperançada. É certo que quis colocar a culpa em Irene, coitada! Obesa e feliz.

Já era noite adulta e eu me alegrei. Ela viria: ela viria, gritava meu coração vermelho de sangue. E enquanto ela estivesse comigo, eu não teria medo, tudo como antes. Esqueceria a noite passada, tudo como antes. Até que ela cansasse e fosse embora, da mesma maneira que entrou.

Mamãe abriu a porta do quarto e me chamou pra jantar. Não queria mais fui.

– Leu a carta? Perguntou passando-me o arroz.

– Li. menti.

– Quando ele vier, você vai à igreja conosco, não?

Permaneci calada.

– Amanhã chegará a minha nova ajudante. Seu irmão virá e eu preciso de alguém, mesmo porque eu me canso muito. Antes você me ajudava, mas agora.

– Me desculpe, mamãe, me desculpe.

Ajudei-a a lavar a louça, secá-la, guardá-la. Ainda varri a cozinha.

– Quando é que ele chega?

– Na próxima semana. Respondeu-me com felicidade nos olhos.

– Pronto. Vou para o quarto. Ainda perguntei se a nova ajudante começaria a trabalhar amanhã.

– Sim. É filha de Rita, a mulher que limpa a igreja. Menina muito boa, deve ter a sua idade mais ou menos.

Claro, a mulher que limpa a igreja. Estou sacralizada. Passo na sala e olho o quadro silencioso e seu desejo mudo.

A noite veio rutilante e promissora. De dentro do seu oráculo, esperei-a: ardência e clemência. Mas, que houvera com a mão? Até ela decidira me atormentar? Me aponta o caminho e foge?

Saí do quarto e fui à cozinha. Na copa, o quadro da Virgem Maria com sua mão macia, branca apontando para mim: petrifico-me. A santa está de azul, tem longos cabelos pretos e olhos muito tristes. E tem a mão. E me chama a mão.

Corro para o banheiro, estou doente de heresia. Tomo um banho e espero calmamente o amanhecer. Olho-me no espelho, estou com olheiras e uma revelação. Sento na cama e adormeço calmamente. Já era muito tarde quando acordei e saí do quarto. Seminua sigo pelo mesmo corredor de antes como se fosse outro. Sonolenta esfrego os olhos de sono e miro as coisas ao redor. É tão fantástico o que vejo que não sei o que vejo: a mão e o corpo da mão e o rosto da mão e o vestido azul da mão e o longo cabelo preto da mão.

Paraliso-me: aquela mão lavando a louça na minha casa.

Grito alto e Ela se vira e me sorri. E ergue a mão. Mas, me oferece a mão. Estou seminua e os olhos dela me passeiam. Corri: molhados olhos nas alcovas de mim. Procuo o quadro. Não há mais quadro: apenas uma moldura rompida. Tranco-me no quarto: meu velho santuário. O que faço, então: Ir à casa de Irene? À Universidade? À Igreja? Ou tentaria a auto-flagelação? Tudo, tudo vão. De nada me valeria precipitados gestos. O Armagedon. Eu sabia que devia esperar a noite. Só nisso jazia a minha certeza.

E a noite veio: do quarto ouvi os passos na cozinha, a mão abrindo e fechando a torneira e minha mãe a elogiá-la.

– Filha, você não vai mesmo sair daí?

Minha mãe perguntando. Abri a porta como se pedisse perdão pelo depois.

– Você não foi sequer cumprimentar Maria. Sabe, eu estava louça para mostrar-lhe o quadro, aquele da Virgem Maria, erguendo a mão, pois é, não sei como, hoje ele

amanheceu espatifado no chão, nem a gravura deu para aproveitar. Mas era a cara de Maria. Igualzinha.

O prego estava por um fio. Preciso dormir agora. Sua bênção, mamãe. Ela saiu e eu deixei a porta encostada. Pouco importava, eu sei: Ela viria de qualquer maneira.

– Mesmo tensa adormeci. Despertei com seus passos leves, ergui-me. Não tinha mais medo algum. Vi-a nitidamente com seu vestido azul aproximar-se de mim com a mão. Devagarinho sua mão agarrou o meu seio esquerdo e eu fechei os olhos. Abraçou-me e eu senti a forma redonda do seu corpo. A mão iniciou o ritual. A mão agora tinha um rosto, um corpo, um coração, um sexo. Eu estava predestinada ao sagrado. Armagedon: “Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu: e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer”.

O regozijo.

Tia Dona

“Pois, quem pode saber o que é bom para o homem na vida, durante os dias de sua vã existência, que ele atravessa como uma sombra?”

(Eclesiastes 6, 12.)

“Melhor é ir para a casa onde há luto que para a casa onde há banquete. Porque ai se vê aparecer o fim de todo homem e os vivos nele refletem.”

(Eclesiastes 7, 2.)

Para Hildeberto Barbosa Filho

Diziam que ela era espírita. Mas conservava seus santos e rezava lá os seus mistérios. E, nem Deus, que é grande, sabia das romãs, o sexo da eternidade. Cultivava-se. Tia Dona fôra desde “desde”, a Tia dona. Houve o tempo de casar-se: casou. Cultivou os leirões do seu amor pelo marido e senhor durante quase trinta anos até que a morte – estranha e reconhecível feiticeira – o levava dela numa tarde aveludada de dezembro.

Foi aí que aprendeu “outro tempo”: enlutou-se definitivamente. O negro lhe vestiria com sua cor de eternidade. Com essa sua peculiar cor de sempre.

E foi assim, vestida de negro da cabeça aos pés que Tia Dona atravessou os portões velhos da casa antiga, atravessou também a praça e as outras ruas, andando sempre silenciosa e a passos rápidos, como terço, a Bíblia e o véu. Tia Dona entrou na Igreja, sentou-se no último banco, ajoelhou-se, fez o pelo-sinal e ouviu submissa e voluntária a missa de 7^o dia do homem para quem – pudor e despudor – se dera: laço, rede, mãos, cadeias. Unicamente, desde sempre. E foi ainda mais quieta – vertiginosa – que traçou o mesmo acostumado caminho de volta. Em frente à casa, ainda houve tempo para abençoar a afilhada – fiel serva do casal. Fechou depois o portão, entrou na casa – lápide, de onde só sairia décadas depois para entrar no “tempo além do tempo” e lá plantar as romãs da sua eternidade.

Não gerara. Não quisera se desdobrar. Tinha decidido ser mulher sem começo nem fim.

Fazia largas ceias, esperando decerto, Deus e o apóstolo terreno da sua antiga carne. A última lembrança de palavra que lhe restara era amor. Amor, não. Devoção. Não foi por tristeza pela morte do marido que entumulou-se entre romãs e rosários, como

contava a lenda. Fora, talvez, por predestinação. O luto ancestral de ancestrais mulheres. Talvez, por isso, diziam-na espírita.

Mas as romãs, Tia Dona escondia-as até de Deus. Suas adoradas romãs eram para o licor rosado que acompanhava os seus devaneios comensais. Ah, e que ninguém entrasse em casa de calçados pés: sua terra sagrada. Mesmo o padre que aparecia, oferecendo-se às confissões. Que nunca ouvia. Mas levava o dízimo. Confessar-se: somente aos pés de Deus.

Sentia-se permanecida, nunca adormecida, nunca ameaçada. E, às vezes, ria e chupava muitas laranjas. Tia Dona sabia que aos poucos ia se findando o tempo do luto. Chegava sim, o tempo de outro sofrimento – ameno, mas perene, sem que se possa agarrar-se às coisas, existido preso à matéria do que não se sabe, sem qualquer concretude, mas de dor infinita. Chegava o perigoso tempo leve da melancolia. Tempo de procurar (ainda mais) apoio nos episódios de Deus. Tempo de lavar os pés e sentar no quintal.

Toda manhã, sua afilhada fiel lhe vinha para abrir as janelas da casa (e não é preciso dizer dos olhares esperançoso de algum transeunte, de vislumbrar através dessas janelas, vagando pelos corredores infinitos da casa antiga, um vulto, o vulto desejado daquela mulher feia, mas secreta que, diziam, falava na hora alta da noite com os espíritos adormecidos). De que plasma invisível e impossível, alimentava-se a alma faminta dessa mulher de olhos grandes e negros? Ela tinha sempre na mão um livrinho aberto. Até o dia em que comeu “todo o livrinho” sob os olhos aflitos da afilhada. Tia Dona era uma mulher apocalíptica. Quando a afilhada dizia-lhe dos comentários que permeavam a rua, a dizerem-na espírita, em tempos do incontestável, ela sorria e lhe dizia de volta: – O gozo de Deus é meu. (a afilhada nunca entendeu isso e, cuidava de repetir essa frase às pessoas, nas enfeitando-a com outras palavras que seu imaginário deixava desfilarem. Até porque isso lhe dava certa glória na pequena cidade).

Mas, em que espécie de letargia divina se humanizou essa mulher? Pela manhã, aguava as romãs, varria o quintal, limpava o quarto, tratava dos peixes nas sextas-feiras (dia em que sua alma não aceitava o peso das carnes), ouvia o rádio, lavava as poucas roupas, fazia a lista da feira. Mas não chegara nunca mais à sala, nem para ver os gerânios na varanda, nem para ver os fantasmas vivos que se sentavam na praça em frente, usufruindo do seu inútil e gratuito gesto. Pura esperança daquilo que não se sabe.

Ela inaugurara outro tempo. Inaugurara-se em outro tempo. Tia Dona se fizera moira de si mesma. Não era mais no tempo comum dos homens que se ocupava de viver:

mas num mundo onde só cabe o que não mais cabe. É o tempo do muito, das coisas largas, da larga ceia das almas. Um tempo espesso em que se bebe o café forte e amargo. Agora, somente é doce o café bem amargo. A morte, sem assustar-se no vestido negro que usa, nas flores que cultivava, nas alfazemas com que se perfuma. A lágrima doce da constatação da finitude das coisas, o marido infiel que amou e que não surge mais na soleira e lhe entrega o chapéu e lhe pede comida. Mais ainda não era isso. Porque no tempo que lhe adentrava agora narinas boca lóbulos não cabe mais nem o passado nem o presente nem o futuro. O tempo, agora, era também o sapo que se alimentava do seu jardim, a mornidão das tardes, o cerzir das malhas, o esquecimento. Espécie de tempo úmido que seguia amadurecido nas romãs de Tia Dona.

Ainda assim, vez em quando, relia as cartas antigas, via os antigos retratos. E, num dia, como que pressentindo já a esperada morte, buscou a caixa cheia das provas da vida e queimou tudo, no quintal das romãs. Era a morte completa que ela estava plantando. A morte sem deixar nenhum tempo de antes da morte para esse tempo de aqui. Ir nua para o momento mais certo. Durante mais de vinte anos, cultivou esse tempo inteiro, denso, sem sim nem não, sem tristeza ou alegria, sem pólos, sem começo, meio ou fim. O tempo para além das fotos amareladas e difusas na parede. O tempo como uma lembrança, apenas. Assim, nas muitas tardes, Tia Dona cuidava de fechar os olhos e desfrutar a abundância desse tempo que criara para si.

Tia Dona até riu muito, no último Natal, quando vieram os sobrinhos e sobrinhas com os filhos e as filhas, visitá-la. Cearam com ela, falaram muito. E beberam até o último cálice de licor de romã. Uma, insistiu no antigo vaso de cristal, que fora da avó, mãe de Tia Dona. Outra, no antigo conjunto de chá: “Para quê a senhora quer isso?”. Levaram. E levariam tudo, nesse jogo vão das vaidades. Tia Dona apenas sorria. Quase compreendia. Se fosse a ela compreender. Depois, foram todos embora, prometendo voltar no próximo Natal. Voltassem pois, para verem os próximos girassóis. Aliás, algo em que Tia Dona pensaria sempre, mais tarde e que não fruiu mesmo, fora a alegria daquela gente. Ah, a vaidade da alegria. E porque estranhavam que ela não quisesse sair e falavam do sol, Tia Dona nunca saberia. Ela que, entre as romãs do quintal, tomava seu diário banho de sol, absorvendo a mornidão dos seus primeiros raios da manhã. E falavam tantas coisas, tantas insensatas sabedorias. Por isso, Tia Dona, à noite, desfolhou um rosário inteiro por eles. E, a julgar pelo barulho das rezas, de porta fechada – quem sabe não falou ela com seus espíritos em êxtase e carne puríssima...

Mas não houvera o próximo Natal. Tia Dona se despediu da vida aos sessenta e seis anos, vinte e quatro dos quais dedicados ao seu corado licor de romãs (talvez na morte, todas as romãs sejam mais vermelhas e mais gordas. Dona tia, com essa promessa das romãs da morte, certamente traçaria bem estes caminhos de além de aqui...). Para o funeral, vieram todos. E levaram tudo: os antigos móveis, a caixa de jóias, os lençóis de linho, os talheres de prata, as licoeiras de cristal. Tia Dona ainda pedia à afilhada que não houvesse visitaçãõ. Coisa que só foi aceito em virtude dos desmaios e espasmos da acostumada afilhada para fazer valer a vontade da defunta. Salvo o padre que viera encomendar a alma dela a Deus e os parentes, ninguém mais veria Tia Dona, nem na última e primeira hora. A afilhada ainda informou que Tia Dona queimara, anos antes, as fotos, as cartas, quase todos os papéis, exceto alguns documentos. No entanto, quando foram fazer a divisãõ dos santos de bronze, no oratório, encontraram a última surpresa de Tia Dona: junto com os documentos que restaram, um livro fininho.

Tia Dona, ao que parece, salvara da Bíblia, apenas dois livros: o ECLESIASTES e o APOCALIPSE, ambos com grifos legíveis, mas nebulosos. Para ela, talvez, não servisse a vaidade de uma Bíblia inteira.

Essa amputada Bíblia foi o que restou à afilhada. Mais o terço e os negros vestidos desbotados.

As Mulheres da Quadrilha

Quadrilha

(Carlos Drummond de Andrade)

João amava Teresa que amava Raimundo
Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
Que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com João Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Para os três mal-amados de João Cabral de Melo Neto

Teresa:

Tenho a poucos centímetros de mim uma vasta possibilidade. Penso que poderia considerá-la, não fosse um outro mundo, vasto também, com rima, mas sem solução. João me ama, mas eu quero o mundo. À proporção que me afasto de João, o mundo se afasta de mim. O mundo quer outra mulher.

Maria:

Tenho um mundo de amor, todo meu. E poderia sair por aí cantando, pois o mundo vasto mundo de Raimundo é meu. Mas eu sou comum, pequena e o mundo me assusta um pouco: nasci pras rasas praias, e ele me oferece o oceano mais profundo. Tanta coisa nova que me assusta, como seu olho a desnudar meu corpo. Seu mundo é de chamás. E o meu mundo teria de ser apenas um pouco morno de vez em quando. E no meu morno desejo, eu o vi: Joaquim. E o via todas as tardes, com seus livros de poesia debaixo do braço, com aquele olhar vago que os poetas têm, e os santos. Por que penso em poetas e santos?

Lili:

Nunca pude compreender porque aquele homem ficava horas em silêncio, lá na praça, me olhando, e nunca se chegou a mim. Ou ficava como se me esperando, já às seis e meia da manhã, quando eu, saltitante seguia para o colégio. Com dezoito anos eu apenas queria aproveitar a minha irresponsável juventude. Levava a vida cantando, apenas. Aquele homem ficou sendo a pedra no meio do meu caminho. Cantando mesmo, para não sair do tom, chutava-a. Alguns colegas me disseram que era poeta e me sonhou musa. Como parar para ouvir isso com delicadeza, se o violão já insistia noutra samba? Eu amava era isso mesmo: a música, o som, as praças, o cinema e seus mitos, o sorvete, o chope gelado. E nunca quis mesmo compreender porque se preocupar em amar os homens tão logo, se esse é sempre o nosso fim. Cada novo dia eu o percebia menos alegre mais triste só poeta. E eu, eu era um dar de ombros. Com inocente deboche, cheguei até ele, um qualquer dia. Caiu o pano: esse homem, sem falar, me contou da sua caverna de amor. Tanto amor na minha frente, que quase me sinto culpada pelo meu vazio de amar. Insistiu em me dizer que se chamava Joaquim.

Não, Joaquim não existia mais: “o amor o comera”.

Teresa:

O mundo capotou e morreu. Eu fiquei pra matar meus sonhos. Hoje sei que Raimundo era apenas rima, mas eu achei a solução. Agora, são lápides, os anseios que tive. Vim para este convento e fiz dele a sepultura de mim mesma. Cuido de regá-la e enfeitá-la com as flores frescas que eu mesmo planto nesse estrangeiro jardim. À noite, somente elas e Deus, assistem aos meus mudos e solitários gozos.

Maria:

Joaquim era a minha esperança de felicidade, de fertilidade. Só nele eu me multiplicaria. Mas ele de poeta passou a santo. E estou eu, aqui, depois de muitos anos, devota a ele. Vejo Teresa, uma feliz freira, organizando o coro infantil: aceno-lhe. Volto a Joaquim era a mão que abriria a minha única porta. Como o amor matou-o antes, quero estar fechada, que ninguém me abra a porta. O amor suicidou-se e me matou o meu desejo.

Lili:

Depois que o amor comera Joaquim, eu vim para o Nordeste. Principalmente casei-me no Nordeste. Foi assim: era noite de São João e uma quadrilha nos separava. Enquanto a quadrilha rodava, girava, ele me esperava, distante, no outro lado. E aconteceu: eu cheguei até ele, a quadrilha terminara. Muito sério ele disse que se chamava Jota Pinto Fernandes, e que ia entrar na minha história. E eu não lhe prometi nenhum amor.

Cárie na Flor

O que ela fica gritando eu não entendo.
sei que é pura esperança.

(Erik Axel Karlfeldt)

Era ali que ela sempre estava. Exatamente onde aquela mulher vendia suas frutas aos gritos. Chegava entre quatro e cinco horas da manhã, com seus vestidos mal feitos, de tecido ruim, surrados, cabelo opaco, franzina. Devia ter, logo que cheguei ali, dez ou onze anos de idade, olhava com o desinteresse de quem nada via, ou, via além... Vivacidade? Só se encontrava nas flores frescas que trazia na cesta. Sim. Ela vendia flores.

Sol forte, chuva torrencial, e ela lá. Sempre lá. Entre quatro e cinco da manhã. Onde morava e se morava, nunca o soube. Devia ser em lugar distante porque sempre chegava arfante, cansada, suada e suja, passando a mão na testa e por todo o rosto, desamassando a saia e sacudindo a poeira mais fácil. Também nunca soube se algum dia teve sucesso como florista. Acho que não possuía talento nem vocação para tal. Raríssimo alguém lhe emprestar um olhar, um simples olhar. Quando isso acontecia, perguntava-lhe onde ficava isso ou aquilo. Eu a via apontar o finíssimo e sujo dedo em direção a uma casa comercial qualquer, depois via a pessoa seguir caminho sem murmurar-lhe sequer um “obrigado ou obrigada”. E nem reparava na sua cesta de flores.

Era revoltante, triste até. Deus! Como era revoltante vê-la voltar com as flores já murchas no finzinho da tarde em direção ao ignorado. Ela, no entanto, não parecia dar importância ao fracasso do dia, e no outro dia, já ao longe, entre quatro e cinco da manhã, eu divisava, ainda sonolento, sua figura, arrastando consigo a cesta de flores viçosa. Sendo telespectador mudo do seu mudo drama, usei, um dia, sugerir-lhe que mudasse de local.

Perguntando porque – voltou para mim os olhos arregalados e profundos e quando falou notei-lhe uma cárie enorme, nos incisivos. Toquei-lhe no braço, não pensava que fosse tão fino, e mostrei-lhe o chiquismo da floricultura do outro lado da rua. Pensei que no outro dia não a veria mais. Engano. Ao acordar olhei da janela: lá vinha vindo a figura raquítica daquela menina e seu patético ornamento.

Até hoje, ainda não sei se o que eu sentia era dó ou raiva imortal daquela menina maltrapilha que madrugava naquela esquina todos os dias e não vendia suas flores. Inconscientemente obstinada.

Ardia de curiosidade de saber a origem das viçosas flores e o destino delas já murchas no fim da tarde. Nesse mesmo dia, lembro-me bem, peguei algumas notas e.

Falava com dificuldade seu português ruim. Cansaço da vinda, pensei. Depois, porém, concluí que sofria de asma. Era asmática a menina. Xinguei todas as mães cruéis, as diferenças sociais e o crescimento demográfico. Alguns transeuntes olharam-me curiosos e espantados enquanto ela me olhava calma e ignorante. Foi então que me perguntou se eu queria uma flor, pronunciando as palavras num tom rotineiro. Como se fosse comum alguém se interessar pelas suas ridículas florezinhas. Notei que a cárie crescia. Sua cárie estava maior. No afã em que me encontrava, ofereci-me para levá-la a um dentista. Pensei até que não soubesse o que era, mas balbuciou um “Deur mi livi” e quase não me vende as flores. Dei-lhe então todo o dinheiro e mandei que o guardasse. (No outro dia, pela primeira vez, veria-a de vestido quase mais novo). Segui idiotamente com um ramalhete debaixo do braço, eu que era alérgico a flores. Coloquei-as num vaso com água e espirrei quase três semanas seguidas. Lembro-me agora, que guardei algumas dessas flores, secas, dentro de um livro. Acho que o perdi.

Nessa época, tive que viajar de férias. Quase três meses fora.

Um mês.

Dois meses.

quase três... Estava “eu” de volta. Assim que desci apressado do carro, mais gordo, corado, colorido de sol e sal, meus olhos involuntariamente procuraram-na. Lá estava ela com suas flores. Não sei ao certo se ri ou balancei a cabeça num gesto inacreditado, revoltado, perplexo. Ardi de ódio e impotência ao notar-lhe sua magreza acentuada, seus olhos mais fundos e profundos e sua cesta cheia das malditas florzinhas.

Mais de dois anos se passaram. Continuei morando lá, e todos os dias TO-DOS os dias ela estava lá, ignorando e inatingível. Era parte da paisagem eloquente daquela rua. Eu já não conseguia pintar na mente o quadro da rua sem ela. E suas flores e sua cesta, é claro.

Foi nessa época que tive de me ausentar. Da rua. Da cidade. Do estado. Do país.

Três anos se passaram e eu estava de volta. Não é necessário dizer que já ao descer do avião, meu pensamento a buscou. No taxi, embriagava-me o vinho tinto da memória. Havia um medo secreto em mim: o medo de que eu tivesse sido enganado e houvesse um tempo estático me esperando na cesta daquela menina em flor. E, esse medo,

era também uma disfarçada esperança de vê-la. Quando cheguei na rua, já era adulta, a noite. Em casa, atirei-me na cama ansioso, esperando o dia seguinte.

Sonhei. Ela estava uma mocinha magrela. Uma mulherzinha. Despontando. Despertando. Havia perdido aquele dente que me cariou. O cabelo cada dia mais opaco, a mesma cesta, outras flores. Depois, ela não estava mais lá e ninguém sabia nada a seu respeito. Alguém me informava que não resistiu a uma forte crise de asma. Vi-a numa cama moribunda...

Despertei sobressaltado. Sós: eu e a escuridão. Virei-me para o outro lado e a segui horas a fio. Vi-a depositar as flores, no fim da tarde, num túmulo pobre. Quando cheguei perto para ler o nome que estava escrito na horrenda cruz... um barulho me assusta. Olho para o lado e desligo o despertador. Ainda meio sonolento consulto o relógio, que ficava na parede em frente à minha cama. Uma luz pálida atravessava as cortinas cerradas. Meio dia e meia. Joguei fora as cobertas e precipitei-me para a janela, tropeçando numa das malas que caiu em cima do meu cinzeiro de estimação, despedaçando-o. Descerrei as cortinas. Havia sol forte. Abri as largas janelas. Meus olhos se fecharam com a agressiva claridade. Respirei fundo, abri os olhos e olhei em direção à esquina.

O Vinho Tinto da Memória

Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho, quando

(Provérbios 23,31))

Ela olha a mesa redonda de vidro, mas não a olha necessariamente. O que lhe chama a atenção é o objeto solitário: um cálice de faces finas e corado sangue borbulhando. Tem medo e, pede para afastarem-no dela. Mas não há ninguém e o vazio lhe testa, vigia. Eu tenho de vigiar-me – pensa. Mas sabendo que nascera mesmo para a fragilidade, para o pequeno. Levanta-se e vai até lá. Tendo que tentar, senta na cadeira, aquela perto do quadro que mandara pintar, quando andava aí pelo mundo com o marido. Nem isso. Restavam-lhe poucas coisas, mas ainda assim. Senta na cadeira e fixa apaixonadamente a taça que elege. Pois que ninguém a teste, que ela não resiste aos testes. Aproxima-se devagarinho, devagarinho, esperando uma salvação, toca a taça e um estremecimento de prazer lhe passa pelo corpo. A taça é sensual, está meio fria. Fecha os olhos e segura-a, agora já com medo de que lhe tomem. Morosamente vai erguendo o copo que deixa na mesa a marca do suor da espera. E até ri porque se lembra de, quando criança, na festa da coroação de Maria. Ela fazia cachimbos no cabelo, colocava as asinhas de isopor enfeitado, um batom muito vermelho e, enquanto os fiéis entoavam o coro:

“Vamos coroar Maria...”

ela ia baixando, baixando a coroa até chegar a cabeça da santa de barro pintado, com um enorme manto azul. Às vezes cantavam comprido demais e ela tinha que levantar novamente. Na última vez, de propósito quase não baixava a coroa, olhava os fiéis, o padre nervoso, a beata lhe fazendo gestos patéticos e desesperados. Mas, os diabinhos lhe cochichavam: Não coroa a Virgem! Não coroa! Enquanto o coro histérico já continuava:

“Vamos coroar Maria...”

Talvez os mesmos diabinhos que cresceram e lhe dizem agora: “leva à boca essa promissora taça vermelha, leva à boca”. Na igreja, ainda teve uma anjinha de asa e batom que lhe beliscara tão forte e fizera-a baixar a coroa de uma vez. E o coro explodira num:

“Aleluia, Aleluia”, Viva Maria,
Mãe de”.

Incrível como tudo isso não me purificou – pensava ela.

Agora, toda purificação me vem desse vinho que me penetra quente, árido, macio. O vinho apascenta-me, o líquido vermelho em sangue mandando em mim.

O elo se desfaz porque é preciso. Estou só novamente (por que me vem a certeza de que esse era o seu estado comum?). Mas á o vinho. E há o sangue. Tudo rodopia e ela. Libélula.

No fundo, ela sempre tivera necessidade de sentir a embriaguez das coisas. É absurdamente jovem ainda. É absurda. Nem alegre, nem triste, nem poeta.

Olho a porta por onde foram embora meu passado, meus anjinhos, meu marido, o filho que não tive, meu jardim, meus olhos, meus anseios, meu viço, meu amor: o que é pior. Pois é, esqueci-me de fechar minha porta. Às vezes é preciso cerrá-la.

A perfeição das coisas ao meu redor me sufoca, o vinho me entorpece, me confunde, me esclarece e eu recorro ao último gole. Ergo a taça e as antíteses. Na minha mão ainda uma aliança. E eu rio: o amor morreu, sumiu (e nem era pouco); o ouro, não: imortal, jaz no seu dedo.

Segunda Hora

Oração Reparadora

E neste mundo que te quero sentir.
É o único que sei. O que me resta
Dizer que vou te conhecer a fundo
Sem as bênçãos da carne, no depois,
Me parece a mim magra promessa.
Sentires da alma? Sim. Podem ser prodigiosos.
Mas tu sabes da delícia da carne
Dos encaixes que inventaste. De toques.
Dos formosos das hastes. Das corolas.
Vês como fico pequena e tão pouco inventiva?
Haste. Corola. São palavras róseas. Mas sangram.

Se feitas de carne.

Dirás que o humano desejo
Não te percebe as fomes. Sim, meu Senhor,
Te percebo. Mas deixa-me amar a ti, neste texto
Com os enlevos
De uma mulher que só sabe o homem.

(Hilda Hilst, *Poemas malditos, devotos e gozozos*)

A Puta de Deus

E eu era cada dia as suas delícias, alegrando-me perante ele em todo o tempo.

(Provérbios, 9-30)

Roubei um vestido aberto por ele
Abri raparigas pernas e sorri.
Não me lembrei de pecar
Estive doida e santa.

(Valberto Cardoso)

Quando Deus foi me procurar, eu estava bêbada em mesa dos homens. Mesmo assim, Ele me pegou no colo, elevando-me a nobres altares. Eu, a puta de Deus segui contente, alturas tantas! Deitei na cama macia d’Ele. Senti trêmula e palpitante a rija carne de Seu santo espírito. Molhei-me de Deus. Ganhei diademas de ouro sagrado, brindei os mais saborosos vinhos com Ele (ha, quão eterna delícia a solidão perfeita com Deus!). Tão eterna, que enquanto o Senhor se banhava, desci e vim me fartar de novo na mesa dos homens: prazeres e delícias ao som maravilhoso dos salmos do pecado.

Cá embaixo, roubaram-me manto, véu, diadema de ouro. Puseram-me escarlate batom. Abriram generosas fendas em minhas vestes – tudo com tal respeito! Cantei e dancei para todos. Bêbeda, de novo bêbeda, sonhei alvura dos lençóis divinos. Dormi assim, toda bêbeda e toda linda no meio da rua: nua de Deus.

Muitos foram os homens que me olharam, olhos de carne nos olhos da carne, mas não me tocavam mais (eu era agora, a linda e louca puta de Deus – escarneciam esses ímpios). Mas bem que ajuntou gente, quando aquele vulto chegou-se a mim e, em voz de filete d’água fria, disse-me:

– “Já recobri a minha cama com acolchoados, com lençóis de linho fino do Egito. Já perfumei o meu leito com mirra, aloés e canela. Vem, saciemo-nos de amores até a manhã, alegremo-nos com amores.”

Mas eu, entre lisonja e temor, respondi-lhe:

– Meu Senhor, Tua puta sente falta dos regozijos dos homens, das santas farras, deles, do profano vinho. “E os que me buscarem, cedo me acharão”, bem sabes Tu.

Eis que Deus então me segurou o queixo e mirou-me fundos olhos:

– “És apenas mulher louca, a Alvorçadora: de nada sabes”. Mulher que se mulheriza em vão.

Pensei: “Deus fala bonito!”. De repente, todo o meu corpo clamava seus louvores, ardia na esperança do fogo desse inferno de Deus. Aí, cheguei-me para Ele e o beijei: Sua divina boca então se pôs rubra do meu prostituto batom, Puta vaidosa – Deus me elegeu. Assim, ante a multidão afoita, jurei a meu amante que haveria de consumir toda a carne do meu corpo e do meu espírito, em oferendas a Ele.

O povo, agora perplexo e sacro, batia palmas e gritava vivas, trazia-me véu, jogava-me arroz. Procurava juiz. Mas, quanto a mim: não me quis casar não. Porque adoro dizer (salivada boca):

– Sou eu, a puta santa de Deus.

Marias

– Quem comigo às Santas Marias,
Ó pastores, deseja vir?

(Frédéric Mistral)

Ela vem com seu destino incerto, impreciso. Ela vem com seu olhar tão vago, que é lacuna. Ela vem com uma coisa assim, que é tão assim, que não se explica. Aliás, do seu quarto morno e quente ao seu porão escuro e frio, nada se explica. Ela vem pelas ruas, nuas, cruas, suas. Ela vem vindo com o seu nome que transcende, acende. Ela vem mais maria que todas as marias. Com seu pecado santo. Ela vem louca, com sua calma agonia de mulher. ela vem como uma memória glória. Ela vem com seu santuário pornográfico, com seu prostíbulo de orações. Ela é uma igreja de pecados. Ela vem e enfim, passa por mim. E eu, pobre José, aceito-a doce a trair-me. A querer descobrir-lhe assim, numa única vida, sua alma. Ela vai. Eu sempre fico.

Carpintaria

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, da casa de Davi. E o nome da virgem era Maria.

(Lucas 1, 26-27)

Chamava-se Maria e era virgem. Era virgem e apaixonada por José. Numa história sem anjos era difícil apaixonar-se por José e permanecer virgem. Mas as coincidências a convenceram da predestinação mesmo sem “Gabriéis” e “espíritos santos”. Mas José desapaixonou-se de Maria. Daí Maria começou a esperar outro José e visitou quase todas as carpintarias: Josés casados, velhos, novos, brigões, brutos. Até o seu antigo José engordara, ficara um pouco bicho. E pela primeira vez, por pura fraqueza, Maria chorou. Nem um só José carpinteiro, puro, bom que não a quisesse como. Ela então, numa crise de desespero, jejuava, jejuava, jejuava. Pensou em se matar. Matou seus sonhos e conheceu Gabriel. O anjo. E não foi feliz.

As Cartas de Sara

Salva-te, se queres conservar tua vida,
Não olhes para trás, e não te detenhas
em parte alguma da planície.

(Gênesis 19, 17))

A primeira carta que ela recebeu foi numa quarta-feira pela manhã: um envelope branco, sem remetente, escrito em tinta verde. Foi aí que começou a ter esperança. Era uma mocinha verde, desde então. Todas as semanas, lá vinha a carta verde, às vezes perfumada, outras não: perfumes doces, suaves, rosas. E ela cada dia mais verde. No terceiro mês ela estava tão verde que, pela primeira vez desde aquelas cartas, sentiu um medo de pedra. Ninguém desconfiava do conteúdo das cartas e nem onde Sara as escondia. No quarto mês ela já estava menos verde e as cartas mais escassas. No sexto mês, ela até chorou. No oitavo mês, ela jogou a carta no chão. Já ela estava desbotando. As cartas agora vinham escritas em vermelho. Um curioso qualquer, apanhou e já o mistério não era mistério. Na carta, letras vermelhas diziam:

“Sara, não olhe para trás”, num cheiro cítrico.

Sara se assustou e, no nono mês, com a carta na mão, ignorou o conteúdo e olhou para trás. E seu futuro petrificou-se. Sara de pedra.

Tão-somente essa cruz

Adoro Cristo na Cruz

(Adélia Prado)

Espero uma carta de Cristo desde que me apaixonei por sua cruz. Desfolhei rosários inteiros, entoei salmos, bebi muito vinho, fui a missas. Eu, Madalena de mim. Gastei óleos, unguentos, escrevi versos. Atravessei “vias-crucis”, corpo sangrando em chagas sempre abertas. Mas, que espero eu, do que não é nem homem nem Deus? Espero esta carta que não virá: Espero-a na hora terceira. É pois, na hora terceira que todos seremos crucificados. Escreve-me ao menos uma palavra de despedida, com esse sangue abundante que vejo jorrar das feridas abertas em flor, qual flor. Ou então, me mande mensagem menor: me mande tão-somente essa cruz que fere teu ombro eternidade afora.

Rituais

Matou-se, mas num dia de serenidade tão grande que qualquer violência parecia impossível.

(Lúcio Cardoso, *Crônica da casa assassinada*)

Banhou-se com óleos de amêndoas. Sentou-se depois na cadeira, na sala de jantar e pôs-se a olhar a mesa posta dos dias fáceis. Levantou-se e mirou o quarto: cheirando a lavanda, os lençóis bem limpos. Os banheiros exalavam o habituado odor de eucalipto. A varanda, o quintal; varridos e limpos. Alimentado o cão. Nenhuma teia de aranha sob o teto. Lençóis brancos e fardas escolares alçavam voos, no varal. Louça lavada, comida cheirosa – chegou então à sala de espera: decoração impecável. Suspirou: misto de dignidade, orgulho e alívio. Olhou mais uma vez. Tudo tão perfeito!

Destoava apenas aquela grossa corda, um pouco encardida, presa resistentemente ao teto, esperando-a.

Rainha na cozinha

Mas o rosto é doce, próprio a enternecer
as mulheres da cozinha, feito eu.

(Adélia Prado)

“– Já tô cansado, você desfilando nessa cozinha feito uma rainha destronada.”

Rainha da cozinha: marido meu falou isso; ele bêbedo de muita cachaça. Entronchei a cara, botei mais cachaça no copo dele e continuei: rainha na cozinha. Coisa mais bonita. E eu ria-me toda. Por dentro (que marido se constrange de ver a mulher feliz\ de feliz algazarra). Enquanto isso cortava displicentemente os tomates vermelhos. Ele agoniado, cachorro espumando, me cubando por trás. Depois, cadeira puxou com força e saiu. Ligou a televisão e se pôs a invejar as rainhas de lá. Eu não. Eu nunca me acostumei a andar feliz, logo aprendi a não desejar esses jovens – cueca e suéter, que passam por mim. A mim, me basta esse, que com raiva me insulta de rainha coitada de cozinha. Agora mesmo, descascarei as batatas e eis que me resta ainda a metáfora toda do peixe para retalhar em postas.

Comungado banquete

Sim, seus seios são cachos de uva,
e o sopro das suas narinas perfuma
como o aroma das maçãs.
Sua boca é um vinho delicioso
que se derrama na minha,
molhando-me lábios e dentes.

(Do Cântico dos Cânticos)

Há tanto que se fazer na minha cozinha: descarocar as azeitonas (da memória), esquentar o forno, esfriar o ventre no mármore frio da pia, lavar a louça suja (do passado), tirar as escamas pra que meu amor saboreie os peixes do meu sexo. Há tanto que se fazer na minha cozinha: retalhar a massa (da dor), untar os tabuleiros (da alma), e não se esquecer de por a água pra ferver, cortar todas as cebolas da casas, por de molho a carne no vinho (ou no leite de gordas tetas), temperar o bife e oferecê-lo macio ao amado. Preparar o molho de tomate e menstruá-lo sobre o macarrão palustre (do corpo). Há tanto que se fazer na cozinha pra que meu amado se sente nela pra comer: temperar os camarões vermelhos e fritá-los na frigideira quente (de mim). Não se esquecer da taça do vinho branco que brota das safras dos meus vinhedos subterrâneos. Nem se esquecer também dos guardanapos para limpar os lábios úmidos e cansados. Deixar à mesa, exposta e vermelha: a maçã úbere e colocá-la na boca do amado (essa maçã gostosa). Há tanto que se fazer na minha cozinha antes que meu amado se deite nela e coma em mim: enfeitar o cheiro de sexo do atum. Ter café fresco (que meu amado não o quer frio nem requentado). E ter também o licor da saliva ou de minhas tetas – esse não deve faltar. Por sal no feijão (do amor), e cuidar de preparar o molho rosado para os bolinhos de bacalhau do (norte de mim). Ah, meu amado gosta muito de molho de pimenta vermelha (por isso arde o nosso sexo). Por último, limpar a cozinha, deixá-la bem limpa e cheirosa de um impossível perfume.

Depois, há ainda muito que se fazer para que meu amor não queira comer em cozinhas alheias de alheias mulheres... Mas hoje, tudo posto, apenas cuido de esperar esse meu homem com a boca enfeitada de sorrisos perversos e molhados nessa cozinha arrumada, doida que ele me coma, (enquanto na parede, Cristo perpetua a Nossa Santa Ceia).